



VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**ESCRITA DE SI: AS MEMÓRIAS, EXPERIÊNCIAS E  
DESLOCAMENTOS DE PEDRO BRILLAS (1919-2006), UM  
EXILADO/REFUGIADO ESPANHOL**

Geny Brillas Tomanik\*

Esta investigação objetiva analisar as memórias, experiências, subjetividades, deslocamentos e a escrita de si a partir da Guerra Civil Espanhola, por meio das escrituras de Pedro Brillas, um ex-combatente exilado aos 19 anos de idade.

Desta forma, o fio condutor para um amplo diálogo histórico fundamenta-se, sobretudo, no acervo privado inédito do autobiografado, cujas circunstâncias em seu entorno, levaram o jovem combatente republicano anarquista<sup>1</sup>, ao exílio, assim como milhares de espanhóis. Cabe destacar que o êxodo/exílio massivo dos espanhóis republicanos para a França durante a guerra civil (1936-39) acarretou deslocamentos e experiências dramáticas, além de estratégias de sobrevivência incomuns, relatadas e rememoradas ao longo da vida do autobiografado.

A sua autobiografia é composta por 23 cadernos manuscritos, alguns deles seriados (1.240 páginas), outros avulsos, redigidos a partir de 1938, como os diários da frente de batalha, e um manuscrito intitulado pelo autor “*Mis Memorias*”; além de

\* Mestre em Hospitalidade, doutoranda em História Social da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria Izilda de Santos Matos. Bolsista da CAPES. E-mail: [gbtomanik@gmail.com](mailto:gbtomanik@gmail.com).

<sup>1</sup> Anarco-sindicalista filiado à *Confederacion Nacional del Trabajo de España en el Exilio* (F.L. da C.N.T.), conforme seus relatos e carteira de afiliado.

diversos registros, em espanhol, francês e português/“portunhol”<sup>2</sup>, incluindo relatos com cerca de 350 páginas datilografados em espaço simples pelo autor, nos últimos anos da sua vida, bem como centenas de cartas pessoais entre amigos e familiares (recebidas e enviadas<sup>3</sup>), e ainda correspondências oficiais<sup>4</sup>, perfazendo quase setenta anos de escrita de si, ou seja, Pedro tinha o hábito de escrever sobre a sua vida desde a juventude até o seu falecimento.

Além das memórias, diários, apontamentos avulsos, e troca de correspondências, o legado de Pedro Brillas inclui documentos pessoais, que retratam o contexto social e político, quando foram expedidos, como é o caso do *Carnet Movimiento Libertario Espanol en Francia - Confederación Nacional del Trabajo* (CNT), Registro Nacional N° 41176; documento de identidade francês, onde consta “*Pour les refugiés Espagnols*”; *Carnet de Identidad – Agrupacion Militar* de 1945, como Sargento da República; e até mesmo uma carteira de estudante de fotografia, *Carte d’Élève n° 202 de l’exercice 1950-1951* da *Chambre Syndicale des Photographes Professionnels de la Région Parisienne*, entre tantos outros documentos<sup>5</sup>.

O seu grande amigo espanhol, também refugiado, Joaquim Macip e a sua família francesa, ingressam em 1952, com viagem subvencionada pela *International Refugee Organization* (IRO), e a sua autobiografia sucinta, denominada “A minha História”, reúne 39 páginas digitadas/editadas eletronicamente pelo seu neto em março de 2008.

Nas guerras, caminhos se distanciam ou se cruzam, às vezes, para sempre. Os dois compatriotas espanhóis com trajetórias e experiências similares sobreviveram aos

<sup>2</sup> Pedro Brillas iniciou as suas memórias e diários em espanhol, com algumas anotações em catalão, língua que ele falava, mas desconhecia a ortografia. Já no Brasil, primeiramente escreveu em castelhano, e em dado momento, registra a sua dúvida qual idioma deveria adotar para a escrita de si, pois já tinha esquecido as regras ortográficas em espanhol, não conhecia as da língua portuguesa, e grande parte da sua família era espanhola e argentina. Mas, decidiu escrever em “portunhol”, segundo suas próprias palavras. A maioria da sua escrita epistolar foi em espanhol, em francês, pois tinha amigos (ex-combatentes da guerra civil espanhola), também exilados, que haviam formado família na França, e ali permaneceram; e também se correspondeu em alemão, com familiares da sua esposa alemã, e pequena parte em português.

<sup>3</sup> O autobiografado tinha o costume de fazer cópia carbonada das suas cartas, manuscritas ou datilografadas, e em algumas fazia anotações.

<sup>4</sup> A exemplo da correspondência enviada pelo diretor do *Camp de Noé* datada de 7 de novembro de 1945, “*Objet: Liberation et notification d’arrête d’interdiction de séjour*”, e também a resposta do mesmo diretor de 20 de fevereiro de 1946, Etienne Raufast, informando que (a sua esposa) “BRILLAS née BERZEN Marie” se encontra ainda no Campo e em boa saúde.

<sup>5</sup> Este amplo acervo de documentos pessoais abrange também a documentação da esposa alemã, naturalizada espanhola, Käthe Maria B. Brillas.

perigos da guerra fratricida, onde foram feridos; aos maus tratos dos campos de concentração franceses, onde milhares de refugiados hispânicos adoeceram e morreram; conheceram-se em Hagen, em plena Segunda Guerra Mundial, (1943) onde sobreviveram aos bombardeios e rajadas de metralhadoras; reencontraram-se em Paris, no pós-guerra, já casados e com filhos.

Juntos, decidiram emigrar para São Paulo, no início da década de 1950, com esperanças renovadas, em busca de um refúgio seguro para as suas famílias, em virtude do receio de um novo conflito bélico no contexto da Guerra Fria. Seus caminhos nunca mais se afastaram, tornaram-se amigos fraternos, permaneceram em São Paulo, e aqui faleceram.

### **AS EXPERIÊNCIAS, DESLOCAMENTOS E SUBJETIVIDADES DE UM EXILADO/REFUGIADO ESPANHOL**

A partir do dia 8 de fevereiro de 1939, a trajetória do jovem Pedro Brillas, aos 19 anos de idade, ao cruzar a fronteira franco-espanhola, movido pelas circunstâncias, foi demarcada por sucessivos deslocamentos: inicialmente, viu-se exilado, passando a ter uma vida de deslocado de guerra, com dramáticas consequências, entre elas, o confinamento no *Camp D'Argelers*, campo de “internamento” francês, conhecido também como campo de concentração, construído provisoriamente para abrigar os refugiados espanhóis republicanos (BUADES, 2013; CABEZA, 1987; PESCHANSKI, 2009), onde permaneceu 220 dias.

Ao sair do campo, iniciava-se a Segunda Guerra Mundial (1939-45), e outra vez, atingido pelas circunstâncias, testemunhou e sofreu os horrores e dramas de uma nova guerra, desta vez, em terras estrangeiras (França e Alemanha). Em 1945, no pós-guerra, retornou à França, onde foi novamente detido (*Camp de Noé*), desta vez, acompanhado da sua companheira alemã. Viveram e formaram família multicultural em Paris, até 1951, quando decidiram emigrar, subvencionados pela IRO, para São Paulo, onde fixaram raízes.

Conforme já exposto, os amigos conterrâneos Joaquim e Pedro, atingidos pelos acontecimentos, tiveram trajetórias e experiências similares, ou seja, em consequência da Guerra Civil Espanhola, sofreram sucessivos deslocamentos no exílio, que os levaram às novas experiências, a novos desafios, à interação com novas culturas, línguas,

gastronomia, novas maneiras de socialização, e mesmo, casamentos com estrangeiras e à formação de famílias culturalmente híbridas (CANCLINI, 2003). Portanto, esses deslocamentos não se limitaram apenas aos contextos espaciais e políticos, mas, extrapolaram para os âmbitos subjetivo, cultural e psicológico, pois, esses acontecimentos e transições a partir do conflito, os mudaram, sentiam-se “diferentes”, conforme os relatos de Pedro e Joaquim, inclusive orais.

Cabe ressaltar, que esses deslocamentos subjetivos e culturais podem se estender aos exilados e refugiados da guerra civil espanhola, sobretudo aqueles que não retornaram a viver em solo espanhol após o fim do conflito, em virtude da implantação da ditadura franquista, por várias décadas.

Em vários momentos da memória de si, Pedro Brillas expõe a sua subjetividade, atribuindo juízo de valores a sua própria pessoa: “(Sic) Quero que todos saibam que eu NÃO FUI HERÓI, nem BANDIDO, nem DIABO, nem VALENTÃO, nem COVARDE” (Pedro Brillas, 1995). E sensibilidades: “(Sic) Pocas esposas podem acreditar os que lerem estas memórias, mostraram tanto amor, com grandes momentos de sacrifício para seu marido. Sinceramente, eu le fico devedor de tantos momentos de amor. Eu procurei corresponder” (Pedro Brillas, 1984). E ainda:

Foram 220 dias, passando frio, fome, comido por piolhos e pulgas, com disenteria, sarna e muitas humilhações, mal vestido e dormindo na areia. Entrei ferido, saí curado, não pelos curativos recebidos no campo<sup>6</sup>. Entrei esperançoso. Saí decepcionado.

Amaldiçoando os franceses pelos maus tratos, desde que cruzei a fronteira, onde a primeira palavra aprendida em francês foi “ALLEZ-ALLEZ”! Agora, no trem renasciam minhas esperanças. Só lamentava a nova Guerra (Pedro Brillas, s/data).

Vale destacar, que além de relatar as suas vivências, sensibilidades, opiniões políticas pessoais, Pedro Brillas foi um intérprete da sua época e geração, pois os seus escritos retratam também o contexto sociopolítico e o cotidiano coletivo, pormenorizadamente, desde a sua infância, na Espanha, até o fim da sua vida, em 2006, em São Paulo, somando 68 anos de escrita de si, que contemplam toda a sua vida e trajetória.

# História Cultural

<sup>6</sup> Aqui Pedro Brillas refere-se ao Camp d’Argelès sur Mer, na França.

## A MOTIVAÇÃO E O MÉRITO DA ESCRITA DE SI

*Es tarea más ardua honrar la memoria de los seres anónimos que la de las personas célebres. La construcción histórica se consagra a la memoria de aquellos que no tienen nombre.*

(Walter Benjamin).

Um dos questionamentos iniciais deste estudo é o que leva uma pessoa comum à escrita de si, e neste caso específico, à produção de diários em campos de batalha, e de memórias, já iniciadas em 1938, em Barcelona (*Mis memorias*, Figura 1), e à sua recorrente atualização e manutenção (POLLACK, 1989) ao longo da sua vida.

Analisando-se as escrituras de Pedro Brillas detectou-se que a produção inicial das suas memórias, em tão tenra idade, foi motivada pelo protagonismo - como combatente republicano -, e como testemunha da Guerra Civil Espanhola, e a significância para os hispânicos, pois segundo Passerini (2011) os espanhóis iniciam a sua historiografia a partir do conflito civil:

(Sic) El principal motivo de estas memorias es recordar [...] los hechos más interesantes de mi vida, en cual hasta el presente no tiene hechos que puedan contarse como extraordinarios, pues ni mi carácter ni mi cultura no me ha permitido salido de lo vulgar. A pesar de todo hay sentimientos y pensamientos que no han salido al exterior que modestia a parte, podían contarse entre los interesantes.

**Empiezo a recordar y escribir mis memorias desde el 19 de Julio de 1936, día que para mí y para todos los españoles ha de ser de los que no se olvidan y de los que produce cierto orgullo al haber vivido.**

(Pedro Brillas, 1938: 2 – grifo nosso).

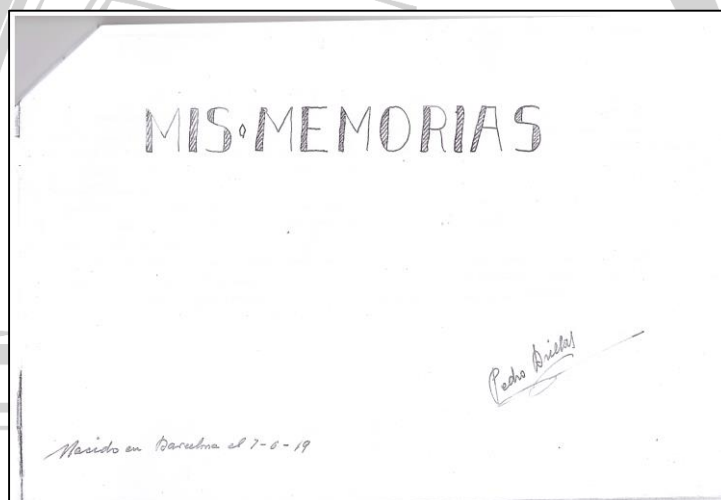


Figura 1: Memórias de Pedro Brillas, 1938, em Barcelona.  
Fonte: Pedro Brillas - acervo particular

Deve-se levar em conta que conflitos bélicos são acontecimentos históricos inesquecíveis para aqueles que os vivenciaram, e podem ser gatilhos para o registro dessas vivências marcantes, pois não se pode esquecer que são as pessoas comuns a sofrerem diretamente as suas consequências, na sua rotina cotidiana, no seu direito de ir e vir e nas suas necessidades básicas, além daqueles que, voluntária ou involuntariamente, enfrentam o combate nos campos de batalha, em causas que muitas vezes, não lhes são as suas, e tem que se afastar do convívio familiar.

Tais eventos permanecem indelévels nas suas memórias. Deste modo, lembram-se com detalhes do momento quando tomaram conhecimento do fato, não importando quanto tempo após do ocorrido; é o que se evidencia nos relatos de Pedro Brillas, 1996:

O dia 18 de julho de 1936 era um domingo, um bonito dia de sol de verão, bom para praia. [...] Pela madrugada, já com o sol iluminando o céu, fomos acordados por explosões e tiros. Toda a família levantou às pressas e preocupados da cama.

A cada momento aumentava o barulho das explosões e dos tiros, e cada vez mais perto. Já não eram só tiros isolados de revólver ou fuzis, senão que também de metralhadoras e canhões. [...] Francamente, eu ignorava o que na

realidade estava acontecendo, mas meus irmãos falavam que era revolução. [...] Daí meus irmãos, ao escutarem os disparos e as explosões (canhonaços), falarem de que se tratava da revolução, ignorando, porém, naquele momento, de quem era a iniciativa da “Revolução”, se das forças populares ou da direita.

Há apenas um mês eu tinha completado os 17 anos. Ainda era um adolescente, com muitos sonhos. Apenas começava a desfrutar da parte boa da vida. [...].

O grande amigo fraterno de Pedro, o valenciano Joaquim Macip, com trajetória semelhante, inicia as suas memórias, décadas depois, já no fim da sua vida, precisamente por aquele momento:

(Sic) Benicarlo, era sábado, dia 19 de julho de 1936, eu tocava o trombone de vara na praça da Igreja, numa pequena orquestra, num baile de fim de semana. Em determinado momento escutamos:

**REVOLUCIÓN!!! REVOLUCIÓN!!!**

Estas palavras mudaram minha vida, meu comportamento, minha maneira de ser, meu eu. Eu sei que aquela noite eu aprendi mais que em meus 19 anos de vida. Fazia coisas que nunca tinha feito, falava diferente, me sentia outro. Hoje, repito que as circunstâncias vividas desde aquele momento, me manifestaram o que eu iria ser e sigo sendo hoje. Neste dia, ao ouvir estas palavras, todos mudaram o que conheciam e o que já tinham vivido (Joaquim Macip, 2008: 2).

Nota-se a discrepância de datas entre os dois relatos - falhas da memória! Na realidade, dia 19 de julho foi um domingo ensolarado, e muito quente, sendo que a guerra civil foi iniciada naquele fim de semana de 1936 (BUADES, 2013; CABEZA, 1987; CASANOVA, 2008; entre outros).

A Guerra Civil Espanhola foi um divisor de águas, tanto no âmbito político, bem como no aspecto subjetivo, conforme os relatos supracitados, os espanhóis sentiram-se “mudados”, “outros”, e de certo modo “orgulhosos” de a terem vivenciado.

Quanto à produção de diários nos campos de batalha por Pedro Brillas foi possível detectar em seus registros em que momentos ele a realizava:

Quando se está no front de batalha, onde nem cada dia se combate, o pessoal aproveita para ler, escrever, conversar com os amigos, jogar cartas, dados, e dormir. Estando na retaguarda, sem compromisso nenhum, a gente aproveita mais o tempo (Pedro Brillas, ~2005-06: 54-18<sup>7</sup>).

Assim, passamos umas semanas, entre lições, práticas militares, passeios pela vila, banhos no rio Segre, dias com boa e abundante comida, ler e escrever nas horas de folga, e alguma visita ao acampamento para rever os companheiros que tinham ficado lá. [...]. (Pedro Brillas, ~2005-06: 58-22).

Sem novidades bélicas. [...] Eu aproveitei a calma para ler, escrever cartas, meu diário, conversar com meus companheiros, jogar cartas, etc. Recebi também cartas de minha mãe, de Antonia e de minhas namoradas [...] (Pedro Brillas, ~2005-06: 62-26).

Estas memórias atualizadas pelo autobiografado no fim da vida, certamente fundamentam-se, não apenas nas suas próprias “lembranças de velho” (BOSI, 1994), como também nos diversos registros ao longo da sua vida, inclusive alguns produzidos no campo de batalha do Rio Segre, em 1938 (Figura 2), onde Pedro Brillas combateu no Exército Popular Espanhol, cujos manuscritos resistiram parcialmente, com danos, a duas guerras (civil espanhola e segunda guerra mundial)<sup>8</sup>, onde é possível apreender em que momentos o autobiografado escrevia (cartas e diário):

<sup>7</sup> Esta é a numeração anotada pelo autor nas folhas datilografadas, seguindo ordem numérica e temática, neste caso trata-se da página 54 do conjunto das últimas memórias, e página 18 dos escritos sobre a Guerra Civil Espanhola.

<sup>8</sup> No dia 15/04/1945 Pedro Brillas perdeu grande parte dos seus escritos durante um dos maiores bombardeios das forças aliadas na cidade de Hagen, Vestfália, que atingiu com bombas incendiárias o edifício na Königstrasse, onde residia a sua então namorada alemã, Käthe Maria.

(Sic) 03/09/1938

Durante toda la mañana me he estado, en el campamento escribiendo, leyendo y haciendo una relación del material con que necesito en caso de combate, relación que he ido a llevar personalmente al capitán.

04/09/1938

Luego de cenar he escrito un poco y me he vuelto a acostar. [...]. Sin novedad en toda la noche. El día guerrero ha sido nulo, puesto que ha habido tranquilidad absoluta!

05/09/1938

He sido llamado por el capitán el que me ha dado unos fusiles y unas órdenes para el caso de que viniese la aviación. Después de comer he escrito una carta para Jaime. Poco después me han venido a buscar el fusil ametrallador que hace dos días me trajeron.

06/09/1938

Después de almorzar, he bajado a lavarme y a lavar ropa. He ido de paso a la 1ª compañía para ver a Leal, pero este era fuera. Al regresar al campamento he comido y luego he escrito. He ido a buscar una carta mía que me mando la madre. Le he contestado y además he escrito otra para Lolita.

07/09/1938

Toda la mañana me la he pasado en el campamento, escribiendo, leyendo, trabajando y yendo a buscar agua y de paso a ver si se habían encontrado la caja amarilla con jabón. Han llegado al acampamento el sargento Casals con cinco soldados. Después de comer he recibido una carta de una chica que no conozco personalmente y a la que yo le escribí anteriormente. Se llama Conchita Gibert<sup>9</sup>. Después le he contestado y luego me he puesto a leer la prensa y el Diario de nuestra guerra. [...].

08/09/1938

La mañana la he pasado casi toda en la barraca pues hacia mal tiempo. He escrito y me he puesto a leer y además me he ido un rato a la barraca de Aparicio y luego a la de Aguilera [...].

09/09/1938

Esta mañana después de almorzar, hemos arreglado la barraca, luego nos hemos ido a buscar leña. Además yo he escrito 1 carta y 2 tarjetas [...].

11/09/1938

Luego he ido a la barraca de Peiró<sup>10</sup> a buscar el correo y prensa y me ha dado una carta para mí, de Antonieta, la que me dice que Juan ha sido operado pero que sigue bastante bien, luego yo he escrito una carta para Aurora Díaz de Navas, al terminar hemos jugado Arman y yo a cartas hasta que ha llegado la cena. (Pedro Brillas, 1938).

<sup>9</sup> Certamente trata-se de uma “madrinha de guerra” ou “amiga postal” “que escrevia e enviava presentes aos combatentes afilehados para elevar a sua moral (RAMON; ORTIZ, 2003).

<sup>10</sup> Este foi um dos amigos de combate que Pedro Brillas reencontrou em Paris, cuja amizade estendeu-se por várias décadas, com troca de correspondência no Brasil e França.



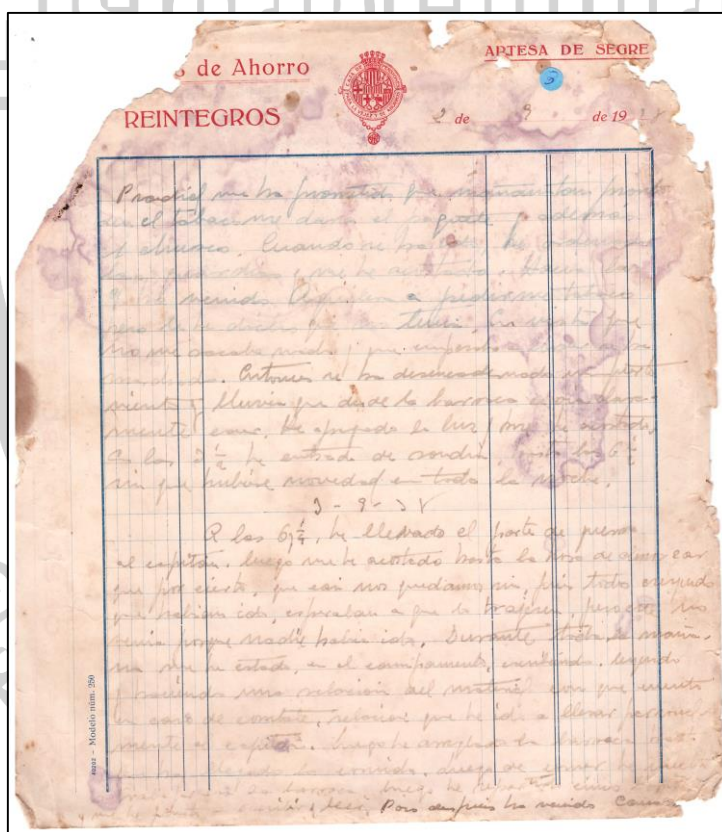


Figura 2: Diário da frente de Batalha do Rio Segre, Guerra Civil Espanhola  
Fonte: Pedro Brillas (1938) – acervo particular

Assim, a análise de tais registros permite observar que o autor escrevia (e lia) cartas, o seu diário, e lia jornais no fim do dia, ou quando havia suposta tranquilidade ou nenhuma “atividade guerreira<sup>11</sup>”. Eram momentos de ócio, quando “não havia nada a fazer”, de acordo com os registros de Pedro Brillas, embora houvesse algum tiroteio e rajadas de metralhadoras ou obuses nas frentes de combate, segundo seus relatos. Nota-se, ainda, que entre as suas atividades diárias, constava a escrita de si e a leitura, ou seja, haviam se transformado em um hábito.

<sup>11</sup> *La actividad guerrera se ha reducido a un bombardeo de nuestros aviones de las líneas facciosas de la presa de Camarasa. Los facciosos les han hecho nutrido fuego antiaéreo, a pesar de lo cual los aviones han hecho su cometido. Esto ha ocurrido poco antes de almorzar. El resto del día sin novedad. (03/09/1938).*

*Adicional: Por la mañana se ha notado presencia de aviación. El enemigo ha disparado varios obuses sobre nuestras líneas. Por lo demás el día ha sido tranquilo (día 05/09/1938).*

Aqui nota-se que apesar da suposta tranquilidade segundo o autobiografado, em alguns momentos no campo de batalha, as atividades guerreiras, como Pedro as denomina, continuam. E o autor prosseguia com a escrita do seu diário.

Neste sentido, refletindo-se o que pode representar esta prática em um campo de batalha, onde, apesar de vários momentos de aparente tranquilidade, a escrita epistolar seria um suporte para encurtar distâncias e matar as saudades dos entes queridos diante da tensão provocada pela incerteza do futuro e o inevitável medo da morte.

Por sua vez, os diários e, posteriormente, as memórias de Pedro Brillas certamente tiveram como motivação fatos históricos inesquecíveis como as guerras e batalhas nas quais participou e o êxodo massivo de espanhóis republicanos<sup>12</sup> rumo à França, conhecido como “*La Retirada*”, além das suas estratégias de sobrevivência, algumas vezes surpreendentes. Tais manuscritos sistemáticos podem ter inicialmente servido para registrar as suas experiências comuns<sup>13</sup> e incomuns, talvez para leitura posterior e de autorreflexão em momentos dramáticos e, embora não houvesse um interlocutor explícito nos diários, pode-se supor que funcionassem como um “companheiro invisível”, que tudo escuta, assimila e aceita, diante de um destino incerto, onde a simples sobrevivência aos recorrentes perigos era uma incerteza.

Entretanto, algumas das memórias de Pedro Brillas possuem dedicatória aos familiares e amigos (nomeando-os), “e a todos aqueles que por mim tenham se interessado (Pedro Brillas, 1995)”, ou seja, a supostos leitores, onde há explicitamente um pacto autobiográfico e reciprocidade entre narrador/personagem e leitor (LEJEUNE, 2008). Em dado momento, o autor afirma em suas memórias, que seriam o seu legado aos filhos, pois “(Sic) Não fui, nem sou um Genio, um intelectual, um artista, um excepcional. Fui e sou um homem comum que não deixa obras de arte. Se consigo continuar a levar a termo estas memórias, me considerarei um homem feliz (Pedro Brillas, 1984)”.

Neste contexto, pode-se questionar qual é a relevância desses “escritos ordinários” (CHARTIER, 1991), como os de Pedro Brillas, uma pessoa comum. A memória individual além de refletir as suas próprias experiências e sensibilidades, revela também o contexto social da sua época, além de vivências e sentimentos coletivos, ou seja, deve-se considerar que a memória das emoções não tem apenas caráter privado (PASSERINI, 2011).

---

<sup>12</sup> Estima-se em torno de 500.000 de espanhóis republicanos, que atravessaram a fronteira franco-espanhola, em razão da tomada de Barcelona em janeiro de 1939 e o avanço das forças franquistas (BUADES, 2013; CABEZA, 1987; PESCHANSKI, 2009).

<sup>13</sup> Mesmo nos campos de batalha percebe-se a rotina diária nos relatos de Pedro Brillas: higiene pessoal (precária, sem banho quente), distribuição de tarefas, alimentação, arrumação das “camas” e das barracas, entre outras atividades, ou seja, o cotidiano se faz presente (MATOS, 2002).

Cabe destacar que há algum tempo relatos de pessoas anônimas eram ignorados pelos pesquisadores, por acreditarem, que por não dominarem a norma culta da língua, não soubessem se expressar. Contudo, essas escrituras guardadas ou esquecidas em baús e gavetas ganharam visibilidade como maneira de preservar, recuperar e dar voz às memórias e relatos de pessoas anônimas, conforme:

El conocimiento de la escritura abrió un mundo de posibilidades a la gente común, gracias a ella se comunicaron con sus seres queridos, realizaron ejercicios de introspección en los que intentaban evadirse de su dura realidad o se relacionaron con el poder demandando aquello que les era preciso. Para ellos la escritura se convirtió en el arma perfecta con la que romper ciertas fronteras y llegar dónde su voz no lo hacía (ADÁMEZ CASTRO, 2011: 695).

Desta forma, adquirem significância as múltiplas escrituras de pessoas comuns, sejam memórias, diários, relatos ou cartas, que compõem a autobiografia de sujeitos históricos, como as de Pedro Brillas e do seu amigo Joaquim Macip, que retratam as suas vivências de eventos históricos, experiências cotidianas e extraordinárias, e mesmo, os processos de socialização, além das suas subjetividades e sensibilidades. Memórias essas, que merecem ser lembradas, preservadas às próximas gerações e analisadas em estudos acadêmicos.

Esses escritos de populares anônimos exteriorizados, mesmo que sejam de fórum privado e subjetivo, adquirem um caráter universal, conforme Arfuch (2010: 33):

La narración de la propia vida, como expresión de la interioridad y afirmación del «sí mismo», parecería remitir tanto a ese carácter «universal» del relato [...] como a la «ilusión de eternidad» que, según Philippe Lejeune (1975), acompaña toda objetivación de la experiencia.

## CONCLUSÕES

A Guerra Civil Espanhola (1936-39) foi um divisor na historiografia hispânica, que afetou e mudou o povo espanhol, dividiu o país e acarretou profundas sequelas à população civil e aos combatentes republicanos vencidos, sobretudo aos exilados e refugiados da guerra.

O conflito civil provocou experiências comuns e incomuns, que resultou em deslocamentos espaciais, subjetivos e psicológicos, principalmente àqueles que atravessaram a fronteira francesa, e tornaram-se deslocados de guerra. Viram-se

obrigados a enfrentar grandes desafios, transitar em culturas distintas, e em alguns casos, como Pedro e Joaquim, que sozinhos refugiaram-se na França, tiveram que abrir mão do seu repertório cultural e identitário (línguas maternas, gastronomia, práticas culturais, entre outros) ao se unirem com estrangeiras, e formarem famílias multiculturais no estrangeiro.

Ademais, a vivência da guerra fratricida foi um gatilho motivador para que Pedro Brillas iniciasse a escrita de si (*Mis Memorias*) tão precocemente, aos 18 anos, e à produção de diários, memórias, apontamentos, além da intensa escrita epistolar, ao longo dos seus recorrentes deslocamentos e da sua vida. Inúmeros outros republicanos e ex-combatentes da guerra civil espanhola – conhecidos ou anônimos – relataram as suas experiências, oralmente ou por escrito, sucinta ou pormenorizadamente, mas, certamente, poucos foram os que o fizeram por cerca de 70 anos, como Pedro Brillas, que nos deixou um rico, inédito e amplo legado, que merece ser compartilhado e discutido com a sociedade, inclusive no âmbito acadêmico.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADÁMEZ CASTRO, Guadalupe. Palabras Desesperadas: Cartas de súplica al comité técnico de ayuda a los republicanos españoles (1939-1940). In: VIEIRA, Alberto; CASTILHO, Antonio; RODRIGUES, Henrique (Orgs.) *Escritas das mobilidades*. Vol. 1. Funchal Ilha da Madeira: CEHA, 2011.

ARFUCH, Leonor. *El espacio biográfico: Dilemas de la subjetividad contemporánea*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010. 1ª.ed. 3ª. reimp.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade. Lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BUADES, Josep M. *A Guerra Civil Espanhola*. São Paulo: Contexto, 2013.

CABEZA, Manuel Rubio. *Diccionario de la Guerra Civil Espanola*. Barcelona: Planeta, 1987.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2003.

CASANOVA, Julián; PRESTON, Paul (Coords.). *La Guerra civil española*. Madrid: Pablo Iglesias, 2008.

CHARTIER, Roger (Org.). *La correspondence: les usages de la lettre au XIXe siècle*. Flayard, 1991.

LEJÉUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MATOS, M. Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura*. Bauru-SP: EDUSC, 2002.

PASSERINI, Luis. *A memória entre política e emoção*. Tradução: Ricardo Santiago. São Paulo: Letra e Voz (Coleção Ideias), 2011.

PESCHANSKI, Denis. *Les camps français d'internement (1938-1946)*. (Tese) Doutorado em História Contemporânea da Université Paris 1. Panthéon-Sorbone. Paris, 2009.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

RAMON, Manuel de; ORTIZ, Carmen. *Madrina de Guerra: Cartas desde el frente*. La esfera de los Libros: Madrid, 2003.

#### Fontes

BRILLAS, Pedro. *Autobiografia*. São Paulo, Barcelona, Arago, Paris, Toulouse, diversas datas.

MACIP, Joaquim. *A minha História*. Curitiba, 2008, 39 p.

